

## ANÁLISE SOBRE ESCOLA E FAMÍLIA

Kátia Rodrigues Martins<sup>1</sup>  
Aline Cristiane Gomes Cunha<sup>2</sup>  
Aclene Luz<sup>3</sup>  
Vanessa Lins Lemos<sup>4</sup>  
Deise Santana da Luz<sup>5</sup>  
Diógenes José Gusmão Coutinho<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este Trabalho tem por finalidade uma breve reflexão sobre a importância da escola, da família e da sociedade no processo de construção da cidadania, e mostrar a importância de uma equipe multidisciplinar no âmbito escolar. Portanto para se garantir um resultado satisfatório nesse processo que se chama “educação”, é necessário que todos trabalhem juntos e em sincronia para garantir que estes alunos ao se tornarem adultos estejam preparados para o convívio em sociedade. Partindo dessas problemáticas, fundamentou-se este artigo nos estudos de Bartholo (2001), Chaves (1998), Freire (1987), Libâneo (1994), dentre outros autores. Inclusive, também serviu como base as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O procedimento metodológico caracterizou-se por revisão bibliográfica, constatou-se a relação entre escola e família. Pode-se concluir que as famílias vivem fora da realidade e do compromisso escolar, justificando o fracasso do educando em detrimento da falta de apoio dos pais. Nota-se que há a necessidade de uma adequada relação entre escola e família, com planejamento e colaboração de todos, estabelecendo objetivos, para que os alunos tenham acesso à educação de qualidade.

204

**Palavras-chave:** Escola. Família. Educando. Aprendizagem.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Instituição Christian Business School; Pedagoga, Especialista em Gestão Escolar, Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar.

<sup>2</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School; Graduada em Matemática e Pedagogia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Atendimento Educacional Especializado e Gestão Educacional.

<sup>3</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Christian Business School; Pedagoga, Especialista em psicopedagogia, AEE – Atendimento Educacional Especializado, neuropsicopedagogia institucional e clínica, gestão, orientação, supervisão educacional com ênfase em psicologia.

<sup>4</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School; Pedagoga; Especialista em Pedagogia Empresarial; Psicopedagogia Institucional e Orientação Escolar.

<sup>5</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela Christian Business School; Pedagoga, Especialista em Gestão Escolar, Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar,

<sup>6</sup>Orientador do mestrando em ciências da educação pela Christian Business School. Doutor em biologia pela UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

**ABSTRACT:** This paper aims to briefly reflect on the importance of school, family and society in the process of building citizenship, and to show the importance of a multidisciplinary team in the school environment. Therefore, in order to ensure a satisfactory result in this process called “education”, it is necessary for everyone to work together and in sync to ensure that these students, when they become adults, are prepared to live in society. Based on these issues, this article was based on the studies of Bartholo (2001), Chaves (1998), Freire (1987), Libâneo (1994), among other authors. In addition, the guidelines of the Statute of Children and Adolescents and the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) also served as a basis. The methodological procedure was characterized by a bibliographic review, and the relationship between school and family was verified. It can be concluded that families live outside of reality and school commitment, justifying the failure of the student due to the lack of support from parents. It is noted that there is a need for an adequate relationship between school and family, with planning and collaboration from everyone, establishing objectives, so that students have access to quality education.

**Keywords:** Family. School. Educating. Learning.

## INTRODUÇÃO

A escola e a família, assim como outras instituições, vêm passando por profundas transformações ao longo dos anos. Estas mudanças acabam por afetar na estrutura familiar e na dinâmica escolar de forma que a família, em vista da vida atarefada que as mães levam nos dias atuais, terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa, tem transferido para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser exclusivamente suas um desenvolvimento e aprendizagem das crianças nesses dois ambientes socializadores e educacionais.

A interação família/escola é fundamental, para que ambas conheçam suas limitações, e busquem caminhar juntos para facilitar a convivência entre si, para assim garantir um futuro educacional do aluno/filho. Nesse sentido retorna-se a algumas questões no que se refere o relacionamento escola/família destaca-se com bastante ênfase essa relação entre ambas como de suma importância na vida educacional das nossas crianças, a estrutura e sua forma de relacionar.

Para isso, com base no método de análise qualitativo, aplicando uma metodologia de pesquisa bibliográfica com verificação de campo, fundamentou-se este estudo nas verificações, análises e conceitos de Bartholo (2001), Chaves (1998), Freire (1987), Libâneo (1994), Polity (2001), Tiba (1996 e 1998) e Vasconcellos (1994). Inclusive, também serviu como base as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Primeiramente abordou-se a família como a primeira reprodutora do conhecimento em seguida empenha-se no estudo sobre o papel social da escola e sua equipe multidisciplinar, e por fim será discutido sobre a família e escola, uma via de mão dupla que deve trabalhar em conjunto para um bem maior, a formação integral do aluno e para o convívio em sociedade. Neste sentido, levanta-se a seguinte problemática: a família participa frequentemente da vida escolar dos alunos? Além das reuniões formais, existe alguma outra atividade na escola em que os pais participam?

O presente artigo tem por finalidade colaborar com a discussão e reflexão sobre a necessidade do bom relacionamento entre a família e a escola para um melhor desempenho escolar das nossas crianças, mostrando o quão positiva é a interação família/escola para o desenvolvimento das crianças nessa fase de formação. Observou-se, porém, que a estrutura familiar hoje cada vez mais complexa tem dificultado essa relação, o importante mesmo e ambos trabalhar juntos deixando essas diferenças de lado.

De maneira mais específica o objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar a participação da família e da escola no processo de aprendizagem. Como objetivos específicos têm-se: verificar como se dá participação dos pais para uma aprendizagem satisfatória; analisar as dificuldades de integração entre família e escola e compreender como a escola estimula a participação da família na vivência escolar da criança.

## DESENVOLVIMENTO

### 2.1 AS VIVÊNCIAS EDUCATIVAS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluiu a Educação financeira entre os temas transversais que deverão constar nos currículos de todo o Brasil. A BNCC trata da Educação Financeira e do consumo em quatro das cinco áreas do conhecimento que a constituem, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Língua Inglesa, Matemática, Geografia e História (POLITY, 2001).

Assim, o tema poderá ser contemplado de diversas maneiras. No caso do ensino da Língua Portuguesa, uma das habilidades incluídas prevê que os estudantes aprendam a ler e compreender, com autonomia, boletos, faturas e carnês. Já em Ciências Naturais, a Base destaca habilidades relacionadas ao cálculo do consumo de energia elétrica de eletrodomésticos e a avaliação do impacto do uso no orçamento mensal da família, entre outros. Tais habilidades

têm o potencial de impactar positivamente no cotidiano da vida financeira do cidadão (RICHARDSON, 1999).

Não é de hoje que governos, educadores e entidades discutem a inserção da Educação financeira nas escolas. O Brasil já tem, desde 2010, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que prevê a realização de uma série de ações nesse âmbito, tanto nas instituições escolares quanto na sociedade em geral. O decreto também instituiu o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), dentro do Ministério da Fazenda, que conta com membros do Ministério da Educação (MEC), do Banco Central e de outros órgãos do governo e da sociedade civil (RICHARDSON, 1999).

Partindo do ideal de construir uma sociedade, a escola, o currículo e a docência necessitam superar toda prática seletiva e excludente. Devendo garantir o respeito de todos em seu direito a um percurso contínuo de aprendizagem, socialização e desenvolvimento humano. Faz-se fundamental encarar o currículo e as práticas educativas das escolas como um todo e como propostas coesas de formação dos educandos e dos educadores.

A família é uma instituição que promove educação aos filhos, influenciando o comportamento deles no meio social em que vivem. Destaca-se que o grupo familiar tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo o responsável por transmitir os valores sociais e morais, crenças e tradições que servirão como base para o processo de socialização do indivíduo. A sociedade moderna está sendo bombardeada constantemente com o crescimento exponencial das tecnologias, enquanto que a escola encontra-se estagnada mediante ao cenário apresentado. Assim, cabe à educação formal proporcionar a compatibilização entre o ensino e as tecnologias que envolvem o uso da internet e a aprendizagem (SUZUKI e RAMPAZZO, 2011).

Para alcançar seus objetivos, fazem-se necessárias as ferramentas tecnológicas de ensino-aprendizagem que representam recursos que facilitam o acesso do aluno as informações, maximizando a aprendizagem. Devem ser utilizados múltiplos recursos simultaneamente, sendo relevante garantir a discussão reflexiva, possibilitando ao aluno estabelecer o senso crítico, aplicando hábitos de estudo, nos quais o acadêmico passa a compreender o que lhe é proposto (GUIMARÃES e GARMS, 2011).

Os professores devem avaliar e refletir constantemente sobre sua prática de ensino, buscando melhorá-la. Afinal, as metas precisam ser redesenhadas com base no desempenho do grupo. Além disso, se os resultados do aluno não ajudarem a avaliar a prática do professor, a

avaliação será inútil. Repetir os dados nas aulas sem perceber o que aconteceu com os alunos não altera o processo de ensino. Em todas as situações da prática educacional, os professores devem prestar atenção ao seu próprio desempenho, não apenas ao desempenho da criança. Avaliar implica julgar o valor associado ao processo educacional, a avaliação esta presente ao longo de todo desenvolvimento deste processo. Portanto, o desafio da educação infantil é substituir a função de classificação e julgamento da avaliação por um processo de estudo e monitoramento da aprendizagem mais consistente com a realidade desse segmento.

Assim, as discussões relativas aos currículos abordam temas vinculados aos conhecimentos escolares, os procedimentos e as relações sociais ligadas ao ensino e a aprendizagem, sobre os reflexos dos ensinamentos nos alunos, sobre os valores que se deseja transmitir (SILVA, 1999). Dessa forma, entende-se como currículo todas as experiências escolares voltadas ao conhecimento, envolvido nas relações sociais, e que contribuem formam estudantes, trata-se do conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com propósitos educativos.

A criança reconhece um espaço físico e lhe atribui significações. Por isso, o ambiente de aprendizagem deve garantir o acolhimento das crianças, proporcionar aconchego, ser local agradável e possibilitar as interações. Nos anos iniciais, principalmente, os espaços devem ser bem organizados, amplos, diferenciados e de fácil acesso. Espaço onde as crianças possam realizar tarefas em grupo ou individuais, proporcionando a diversidade de ambientes (ARAUJO, 2015).

Os modelos de avaliação de classificação derivados da educação regular e presentes nas instituições de educação infantil são caracterizados por uma lista de comportamentos que foram categorizados em uma escala de atingiu, não atingiu, atingiu parcialmente, bons, regulares, etc. Tais práticas de avaliação têm opiniões comparativas que julgam a criança sem contribuir para o seu desenvolvimento.

Para o aluno obter sucesso escolar, é preciso que a família esteja presente durante a aprendizagem, sempre acompanhando o filho e incentivando-o a estudar cada vez mais. Quando os familiares são ativos e acompanham a vivência escolar do filho nota-se uma grande mudança no aprendizado, o aluno melhora suas notas e desenvolve habilidades que levará para o resto da vida (ARAUJO, 2015).

Uma das principais metas da educação é estabelecer a formação de pessoas criativas, inovadoras e descobridoras. Através da aplicação de ferramentas tecnológicas, podem-se

desenvolver as habilidades do aluno por meio da reflexão, sendo o desenvolvimento do aluno um processo progressivo. Metodologias ativas são pontos de partida para avançar para um processo mais sofisticado de reflexos, integração cognitiva, generalização e sofisticação de novas práticas. Nesse sentido, aprendizado ativo significa energizar, compreender, criar hipóteses e construir conhecimento (KOERICH e MOSIMANN, 2009)

O educador deve, em seu planejamento de trabalho docente, aplicar ferramentas inovadoras, criativas e utilizar as tecnologias a favor da aprendizagem. Nesse contexto, é preciso desenvolver metodologias para se aperfeiçoar as competências em leitura e escrita mediante o ambiente tecnológico atual. Partindo desse pressuposto, a escola deve desenvolver um projeto de educação que busque aperfeiçoar as capacidades dos estudantes e que possibilite mudar a realidade, transformando-a, sendo que o processo de ensino e aprendizagem é beneficiado quando integra-se visão inovadora e tecnologias (BARBOSA e MOURA, 2013).

A criança reconhece um espaço físico e lhe atribui significações. Por isso, o ambiente de aprendizagem deve garantir o acolhimento das crianças, proporcionar aconchego, ser local agradável e possibilitar as interações. Nos anos iniciais, principalmente, os espaços devem ser bem organizados, amplos, diferenciados e de fácil acesso. Espaço onde as crianças possam realizar tarefas em grupo ou individuais, proporcionando a diversidade de ambientes (ARAUJO, 2015).

Nas rotinas escolares, tanto para alunos, quanto para professores, o termo avaliação está sempre associado à prática como a aplicação de provas, a atribuição de notas, determinação de conceitos e a aprovação ou reprovação. Esse tipo de associação é o resultado de uma percepção tradicional de educação, na qual ensinar é limitado à transferência e ao aprendizado de informações, resultando em memorização inquestionável de conteúdo. Nesta visão, os educadores são todos detentores e comunicadores de conhecimento, e os alunos são passivos e receptivos (FONSECA, 2009).

Fazer uma consideração quanto as vivências na educação infantil é uma forma de familiarizar com o campo da educação e coloca essas experiências como parte do trabalho do profissional educador. Desse modo, os professores atuam como mediadores do conhecimento, demonstram atitude crítica em relação ao mundo dos alunos, auxiliam na construção do conhecimento intelectual, e contribuem na compreensão e no exercício da cidadania afim de promover a igualdade entre as crianças indivíduos sociais. Nesse sentido, relatar essa experiência é importante para o crescimento profissional e é muito útil para a literatura e

formação de banco de dados, propiciando que haja uma base de qualidade para a realização de outros estudos que abordem a educação infantil (LEANDRO et al., 2017).

Ao se considerar um contexto da formação educacional da criança, incluir no ensino infantil como área de estudo metodologias ativas, métodos alcançáveis e ações que visam interagir o lúdico, psicossocial e de aprendizado se torna cada dia mais necessários. Assim, tratando da cobrança da sociedade sobre o profissional educador e da sua função perante o ensino infantil, incluir a prática de ações que tenham ligação com as vivências educativas por parte do pedagogo, de modo que abre-se um leque de possibilidades interessantes para a formação da criança e desenvolvimento do profissional, levantando a possibilidade de se questionar os impasses estabelecidos pelo limite da ação e tomada de decisões, em um contexto de ensino infantil, visando uma maior discussão sobre as experiências vividas como profissional e o quanto que isso, quando discutido pode contribuir para a formação acadêmica e tomara de decisões futuras do profissional de educação (SANTOS e SOARES, 2011).

Sendo assim, trazer para o contexto de discussão a importância das vivências educativas que circundam a educação infantil torna-se cada vez mais interessante para uma abordagem científica, onde estudos contextualizam e respondem a questões que colocam esse debate de experiências como uma forma de contribuir para ações futuras, com embasamento científico. Assim, busca-se averiguar a hipótese que coloca as vivências educativas como uma forma positiva de contribuir para a educação e formação infantil, aplicando técnicas e metodologias correspondentes a tal linha de estudo. Há ainda a possibilidade de pouca influência, contudo pelos estudos consultados previamente nota-se que essa possibilidade não é muito aparente na literatura (ARAUJO, 2015).

Sob essa conjectura, essa pesquisa se pauta nos conceitos discutidos por Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), apoiando-se em diretrizes de natureza científica e metodológica através de uma abordagem bibliográfica, onde o estudo possui como base fundamental artigos de caráter científicos, reconhecidos na comunidade da ciência para obtenção de dados concretos e de confiança para assegurar a viabilidade e veracidade da presente pesquisa. Sua principal ferramenta de obtenção dessas fontes referenciais foi com o auxílio da internet.

Partindo do pressuposto de que a fundamentação de um currículo no ensino fundamental necessita desafiar a ótica do dominante e fomentar a análise de diferentes abordagens, com metodologias ativas para melhor aprendizagem buscando um maior entendimento por parte do aluno que o aplicará em seu desenvolvimento e sociedade, o papel

do educador se reafirma em um espaço de cruzamento de conhecimento e cultura, e escola enfrenta desafios quanto a grade curricular básica dos discentes (SANTOS e SOARES, 2011). Sendo assim, há uma visível necessidade de se levantar estudos e reflexões sob a conjuntura do papel do educador quanto as vivências educativas presentes nas escolas de ensino infantil e os meios de melhor se abordar essa temática.

Assim, apresentar as vivências educativas tem sido visto como um plano fundamental para contribuir para formação dos profissionais da educação infantil, agregando conseqüentemente uma educação com qualidade superior. Dessa forma, observar que o currículo da educação infantil é subdividido em conteúdos diversificados, a inclusão das vivências educacionais são de grande valia para a diversificação do ensino, onde diálogos antes limitados possam ser debatidos a fim de gerar opções transformadoras para a educação. Sobre essa perspectiva, coloca-se o ensino infantil para uma ação que segue além de acumular informação e o conhecimento, mas compondo o aluno como um indivíduo e o professor como capacitado a lidar com diversas situações (MOREIRA e RIBEIRO, 2016).

A busca pelo saber por parte dos seres humanos, de modo geral, pode ou não interferir nas atitudes de um ou mais indivíduos. Contudo, a socialização deste saber em um conjunto de pessoas depende da convivência e da aderência de seus membros, assim como da consistência e da fluência de seus mediadores. Dessa forma, o profissional da educação, principalmente aquele voltado ao ensino infantil necessita de subsídios de apoio para a tomada de decisões perante situações que surgirão ao longo de sua atuação profissional (TEIXEIRA, 2007).

Han (2017) aponta em seus estudos que a partir das experiências se é possível encontrar nos demais indivíduos que partilham a ação algumas ações que podem ser refletidas na vida profissional, já nas vivências é possível encontrar as respostas para as tomadas de decisões partindo do profissional, colocando quem teste prático todo o conhecimento adquirido ao longo de uma determinada vivência.

Seguindo essa linha de compreensão, faz-se indispensável para o ambiente escolar oferecer oportunidades de vivências, tanto aos alunos quantos aos profissionais da educação, a fim de contribuir nesse processo de deslocamento de uma prática que prioriza a interiorização do conhecimento que culmine no autoconhecimento e se estenda para a melhor formação profissional e individual de cada pessoa. Sobre essa perspectiva, é necessário que haja uma na continuidade do ensino, para que ao aplicá-lo á educação infantil, tenha-se resultados que

discorram sobre as influências de tais vivências e experiências realizadas e adquiridas (DE ALMEIDA e SAUER, 2020).

## 2.2 IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

Para garantir um futuro bem sucedido para os filhos é importante que os pais valorizem a questão da rotina escolar em que os filhos encontram-se inseridos. Seja qual for a idade e a fase escolar da criança é necessário que aconteça uma interação da família com a prática diária de aprendizagem dela e o melhor lugar para desenvolver e aplicar esses momentos é em casa (FERNANDES, 2011).

A família é a primeira forma de interação social que uma criança conhece, cabendo ao grupo familiar ensinar disciplina, educar e impor regras para uma boa convivência em sociedade. Para Tiba (1996) “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social [...]” (SOARES, 2003).

Assim, a parceria entre escola e família é um elo muito importante para o aprendizado do educando. Neste sentido, quando a família está presente na vivência escolar do aluno, nota-se grande desempenho no processo de aprendizagem da criança. Todavia, nas famílias que não estão presentes na vida escolar dos estudantes, a realidade é outra, nota-se um regresso nesse processo (BARTHOLLO, 2001).

Certos pais pouco se incomodam com a escola. O que os mobiliza é o interesse pelo filho. São ingênuos se não reconhecem a importância da escola para a criança ou ignorantes, no sentido truculento, se sabem dessa importância, mas só se movem quando o filho está em apuros (TIBA, 1998, p. 163).

Neste sentido, Sousa (2012) destaca que quando a família percebe que o filho não está tendo boas notas, procura a escola para resolver a situação, quando na verdade, caso houvesse acompanhamento escolar do educando, esse problema poderia ser evitado. A família precisa cumprir seu dever e a escola fazer valer a proposta pedagógica que lançou como meta, para que ambas possam atingir com sucesso o objetivo final, no caso, a formação da criança para se tornar um cidadão responsável, preparado para a vida em sociedade (CHAVES, 1998). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no seu artigo segundo diz:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (LDB, 2016, p. 8).

A família é responsável pelo ensinamento dos valores para a criança, por meio da moralização de seus hábitos e atitudes. De maneira complementar, a escola busca a ordenação dos pensamentos do aluno, por meio do legado cultural e diferentes campos de conhecimentos (CHAVES, 1998). Infelizmente, a referida parceria nem sempre é vivenciada por tais instâncias.

A família e a escola mudaram muito. Antes a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela, porém a critica. Cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família (VASCONCELLOS, 1994, p. 94).

Com isso, nota-se que a participação dos pais é de fundamental importância para o desenvolvimento escolar e social dos educandos. Neste sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente, art. 4º, (2017, p.20), ressalta:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 2017).

Diante disso, para que haja boa interação entre escola e família, a instituição de ensino deve buscar meios de inserir os familiares no contexto escolar das crianças. Nas reuniões de pais, deve-se ressaltar a importância da presença deles na escola em dias que não estão marcadas reuniões formalizadas, deve-se conscientizá-los que a busca por informação sobre a aprendizagem de seus filhos é fundamental. Além disso, é importante incentivar os pais a ter diálogo com os filhos em casa sobre o que se aprendeu na escola, sempre perguntando se tem algo que eles possam fazer para ajudar a melhorar o desempenho escolar das crianças (FREIRE, 1987).

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (GESELL, 1977)

Depois da família, tem-se a escola como agentes socializadoras. Canivez (1991, p.33) mostra que a escola passa a ser o espaço social depois da família. Entende-se que a escola é um espaço onde os indivíduos começam a ter as relações para além da família e passa a conviver com pessoas de diferentes raças, cor, etnia, religião, cultura. A escola vai muito além de um simples espaço para acompanhamento educacional entende-se que a escola é um local onde se

visa a inserção social, ou seja, inserir o cidadão/ aluno na sociedade, por meio das relações interpessoais e coletivas vivenciadas na escola (GUIMARÃES; GARMS, 2011).

Numa sociedade multicultural e competitiva e exigentes e seletivas como a atual e que evolui continuamente de forma dinâmica na qual se escreve a ação educativa construída por influencia de contexto variado, cabe a escola a responsabilidade de se multiplicar em estratégia e ações sempre reinventando e permanecendo para ajudar os alunos a desenvolver as competências essenciais , com vista a sua promoção pessoal, social e profissional , assim , considerando com finalidade da educação escolar e formação pessoal, a integração social e estimulação a escola tradicional centrada em si mesma e a permanência de uma verdadeira relação de parceria com a família e sua formação global do seu educando (HAN, 2017).

### 2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

O âmbito familiar é o primeiro socializador de todo o indivíduo. A família é o primeiro espaço de afeto, de segurança e de autoridade. A participação familiar no processo de inclusão torna-se indispensável, quando se entende que é nela que a criança tem o primeiro contato com o mundo. A família como agente socializado desempenha um papel fundamental na vida de seus filhos, transferindo valores e princípios que irão nortear e Servirão de base para o processo desocialização da criança. A família tem influência direta sobre o desenvolvimento escolar dos seus filhos. O Interesse demonstrado dos pais reflete no processo de aprendizagem e ensino, tornando eficientes e eficazes. Fomentar o crescimento educacional da criança a um. E aumentara seu desempenho e atuação na escola (HOFFMANN, 2012).

A família é uma instituição que promove educação aos filhos, influenciando o comportamento deles no meio social em que vivem. Destaca-se que o grupo familiar tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, sendo o responsável por transmitir os valores sociais e morais, crenças e tradições que servirão como base para o processo de socialização do indivíduo (LIBÂNEO, 1994).

Para o aluno obter sucesso escolar, é preciso que a família esteja presente durante a aprendizagem, sempre acompanhando o filho e incentivando-o a estudar cada vez mais. Quando os familiares são ativos e acompanham a vivência escolar do filho nota-se uma grande mudança no aprendizado, o aluno melhora suas notas e desenvolve habilidades que levará para o resto da vida (LIBÂNEO, 1994).

O processo de aprendizagem não diz respeito somente a relação entre aluno e professor, trata-se de um sistema relacional, onde existem influências da comunidade escolar e, principalmente, dos pais. A família, frequentemente, é o meio mais adequado para a resolução de diversos problemas relacionados a aprendizagem ineficaz que, muitas vezes, podem ser resolvidos apenas se existir diálogo entre família, escola e aluno (SOUSA, 2012).

Neste sentido, o núcleo familiar deve proporcionar aconchego, segurança, afetividade, não se apresentando como um ambiente agressivo, violento, nem que provoque medo ou rejeição. Nos casos de famílias desestruturadas, sem garantia de um ambiente familiar minimamente saudável, são provocados bloqueios no processo de aprendizagem da criança e em seu desenvolvimento como um todo (SOUSA, 2012).

Quando pensamos em uma família como um sistema, não podemos deixar de considerar que a família é um sistema de vínculos afetivos, pois nosso processo de humanização se dá através das relações emocionais desenvolvidas entre os membros da família nuclear, e que vão possibilitar ou não, que essa aprendizagem ocorra satisfatoriamente (POLITY, 2001, p. 32).

Essas experiências emocionais vivenciadas pelas crianças nos seios familiares, marcam suas vidas, mudam a maneira como elas desenvolvem a aprendizagem e determina a forma de relacionamento com outras pessoas. Diante disso, Bartholo (2001) expõe que “a parceria família escola é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros deste sistema, uma vez que a aprendizagem não está circunscrita à conteúdos escolares”.

Neste contexto, as famílias devem colaborar no processo de aprendizagem, acompanhado a criança na escola, definido horário para estudos em casa, verificando se a criança fez as atividades avaliativas, participando das reuniões escolares e garantindo um ambiente familiar saudável (POLITY, 2001).

#### **2.4 INCENTIVO DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA APRENDIZAGEM DE SEUS FILHOS**

Algumas famílias, quando não percebem resultados na aprendizagem dos seus filhos, culpam a escola pela falta de dedicação na educação da criança. Por sua vez, as escolas encaram os grupos familiares como instituições desestruturadas, omissas e responsáveis pelos problemas de aprendizagem do aluno (VASCONCELLOS, 1994).

Como este estereótipo atrapalha todo o desenvolvimento da criança, a escola deve buscar uma forma de lidar com os pais, inserindo-os no contexto escolar. Destacando que,

ambas as instituições, escolas e grupos familiares, são responsáveis pela qualidade educacional do estudante, devendo, cada uma, se empenhar no cumprimento de suas responsabilidades (POLITY, 2001).

Diante disso, Richardson (1999) retrata que a escola deve utilizar estratégias eficientes para conseguir fortalecer o vínculo com os pais. Uma das maneiras seria enviar atividades com questionários para serem respondidos pelos pais e pelos alunos, dessa forma, obrigaria a família a participar das atividades, trazendo grande rendimento para o estudante, diminuindo os índices de reprovações e evasões escolares (KOERICH; MOSIMANN, 2009).

A escola, geralmente, marca reuniões de acordo com seu calendário escolar, e não questiona se o dia da semana e horário escolhido proporcionará a presença da maior parte dos pais. Um meio eficiente de possibilitarem a participação dos pais nas reuniões, seria elaborar um questionário para todos eles perguntando qual dia da semana e horário seria mais apropriado para realização de encontros na escola. A partir dos dados coletados, seria possível observar qual o momento ideal para reuniões que permitiria a presença de maior número de pais (TIBA, 1996).

Pesquisa desenvolvida em escola estadual no interior de Santa Catarina, contou com levantamento de dados realizado com professoras graduadas em pedagogia, que trabalhavam com alunos do ensino fundamental I. Além delas, entrevistou-se a supervisora escolar graduada em pedagogia e pós-graduada em supervisão escolar, bem como, a orientadora educacional que era graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia. Os dados coletados com a pesquisa de campo abordando a relação entre família e escola, verificou a opinião das profissionais da educação, por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas (KUHLMANN, 1988).

Ao se questionar sobre como ocorre à relação família e escola, as professoras relataram que “a maioria dos pais e responsáveis comparecem nas reuniões bimestrais, porém nota-se que eles comparecem, não por interesse na educação de seu filho e no desenvolvimento escolar deles, mas sim por obrigação de ir receber o boletim escolar”. Neste viés, houve o relato de que, é uma pequena porcentagem de pais que procura a escola voluntariamente para saber como o filho está se desempenhando, então essa relação escola e família ainda falta interação, pois é uma relação distante (LEANDRO et al., 2017).

Em estudo semelhante desenvolvido no estado de São Paulo, detectou-se que a relação escola e família ocorrem através das reuniões bimestrais, quando necessário, enviam-se bilhetes

para os pais ou responsáveis buscando maior interação entre escola e família. Percebe-se que alguns pais comparecem na escola para acompanhamento de seus filhos, mas existe certa obrigatoriedade na ação, sendo que, muitas vezes, estão mais preocupados na nota final do aluno, que no percurso instaurado por ele para chegar aos resultados finais. Trata-se de uma relação que precisa de incentivo da parte da escola para despertar interesse nos pais de participarem da vivência escolar da criança, pois sem essa relação, o desenvolvimento escolar dos discentes é prejudicado (LEANDRO et al., 2017).

Diante do questionamento sobre qual a metodologia que a escola utiliza para incentivar os responsáveis pelos discentes a comparecerem nas reuniões, as professora informaram que as escolas muitas vezes eventos, como jogos de xadrez, futebol e vôlei, aos quais os pais, alunos e professores participam. Além disso, a instituição de ensino frequentemente busca expor trabalhos dos alunos e convidam os pais para participarem do evento (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Neste sentido, a escola deve fazer campanhas com os alunos, ressaltando a importância que tem a participação dos pais nas reuniões. Apesar das metodologias utilizadas pela escola para incentivar os pais a comparecerem nas reuniões, poucos comparecem, devido esses eventos acontecerem no horário de expediente e muitos deles estar no trabalho, e alguns não comparecem por que não terem interesse em participar. Condição que reflete as situações de algumas famílias desestruturadas, cujos pais de alunos são alcoólatras, outros são usuário de drogas (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Quando há uma parceria entre a escola e a família, percebe-se uma grande melhora no aprendizado da criança, ela se torna responsável, sempre faz as atividades na escola e as de casa. Inclusive, quando existe essa parceria de família e escola, nota-se uma grande evolução no processo de aprendizagem. Observa-se que o aluno se compromete com os estudos. Neste sentido, quando a família acompanha a criança na escola, a criança apresenta um desempenho melhor do que aquelas em que os pais não acompanham (MOREIRA; RIBEIRO, 2016).

Inclusive, a escola deve realizar reuniões bimestralmente, momento ao qual ocorre a entrega do boletim escolar para os familiares dos discentes. Além dessa ocasião, a escola deve promover uma reunião no início do ano letivo para apresentar aos pais o calendário escolar, como serão distribuídos os dias letivos e como serão as aulas de seus filhos. Também, sempre que necessário, a escola deve organizar reuniões extracurriculares, que não se encontram no

projeto político da instituição, objetivando tratar de assuntos urgentes com os pais (MOREIRA; RIBEIRO, 2016).

Existem outras estratégias possíveis para a aproximação da escola, professor e família do aluno, um exemplo seria promover eventos como gincanas, dia das mães, dia dos pais, nos quais as famílias, alunos, o corpo docente e a comunidade são convidados para participar. Assim, por meio desses eventos é proporcionada a interação entre todo o meio social envolvido (MORENO, 2007).

## CONCLUSÃO

O propósito desse trabalho foi analisar e entender a importância da interação entre escola e família no processo de aprendizagem. Diante do exposto, nota-se que a escola e a família são duas instituições que formam a sustentação para um bom desenvolvimento escolar das crianças. Mas, para isso, o grupo familiar deve participar da vida escolar de seus filhos, viabilizando, assim, o adequado desenvolvimento do aluno. Entende-se que a família é a principal formadora de conhecimento e conceitos na vida do aluno e a escola é um instrumento de socializadora e auxiliadora neste processo.

A escola requer dos pais mais participação, pois é da família que vem os princípios de educação e a escola é apenas uma auxiliadora neste processo de ensino. A escola nunca educara sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Em outras palavras, para atingirem seus objetivos e garantirem a concretização do processo de aprendizagem com eficiência e qualidade, a escola necessita do apoio da família e a família precisa das ações da escola. Neste sentido, percebe-se que a aprendizagem é o resultado de uma ação que envolve escola e família. Por isso, se a família se mantém presente nas atividades escolares das crianças, obtém desenvolvimento eficaz.

Portanto, a escola deve buscar meios para que haja interação com pais e responsáveis, promovendo reuniões nas quais os familiares possam questionar e interagir, evitando situações em que os pais são meros ouvintes. Dessa forma, a escola deve planejar reuniões em horários que viabilizem o comparecimento dos pais. Além disso, não é interessante que a escola convoque os pais apenas em casos de reclamações, devem-se haver convites para elogios merecidos, estreitando os vínculos entre escola e grupo familiar.

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR-6023. **Informação e documentação – Referências – Elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

ANTUNES, C. **Educação Infantil: Prioridade Imprescindível**/ Petrópolis, RJ: 4<sup>o</sup> Ed, vozes, 2004.

ARAUJO, J. C. S. **Fundamentos da metodologia de ensino ativa (1890-1931)**. 37<sup>a</sup> Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis: UFSC, out., 2015.

ARAUJO, J. C. S. **Fundamentos da metodologia de ensino ativa (1890-1931)**. 37<sup>a</sup> Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis: UFSC, out., 2015. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gto2-4216.pdf>>. Acesso em: 30 de Setembro de 2024.

BARTHOLO, M. H. **Relatos do Fazer Pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.

BATISTA, C. V. M; MORENO, G. L. PASCHOAL, J. D. **Os desafios da séries iniciais na Sociedade Contemporânea**. 2005.

BENCINI, R. **Como atrair os pais para a escola**. Nova Escola, São Paulo, ano 18, n.166, p.38-39, out.2003.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica**. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

219

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1961. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>>. Acesso em: 27 de setembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 2 e Vol.3.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BURG, L. C. **Rotina e espaço: uma organização para o acolhimento diário das crianças**. 2012.

CARVALHO, P. E. M. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**, UFPB, Cadernos de pesquisa, n.110, p.143-145, jul.2000.

CHAVES, M. **A família e a pedagogia do afeto: um diálogo com os pais**. Coleções minhas lições. São Paulo: Tropical, 1998.

DE ALMEIDA, L. R.; SAUER, A. J. ESCOLA EM PASTORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS CONECTADAS. **EVANGELIZAR NAS REDES**, p. 20.2020.

DO VALE, I. C. de O. **Educação Infantil: um olhar para a inserção**. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. LEI Federal nº 8.690/1990. 16ª edição. Brasília: Edições Câmara, 2017.

FERNANDES, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FONSECA, E. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Brasília, Série Documental. Textos para Discussão 4, 2009.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. Ed. São Paulo: Memnon, 2015, p.46.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GESELL, A. et al. **A criança do 5 aos 10 anos**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, C. M.; GARMS, G. M.Z. **A legislação, as políticas nacionais de atendimento na instituição de ensino fundamental no Brasil e o desafio de cuidar e educar a criança de 0 a 5 anos**. Cadernos de Educação da Infância, Lisboa, 2011.

GUIMARÃES, C. M.; GARMS, G. M.Z. **A legislação, as políticas nacionais de atendimento na instituição de séries iniciais no Brasil e o desafio de cuidar e educar a criança de 0 a 5 anos**. Cadernos de Educação da Infância, Lisboa, 2011.

GUZZO, R. S. L; TIZZEI, R. P. **Olhar sobre a criança: perspectiva de pais sobre o desenvolvimento**. In: GUZZO R. S.L, et al. **Desenvolvimento infantil: família, proteção e risco**.

HAN, B. C. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2017.

HOFFMANN, J. **Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2012

KOERICH, L.; MOSIMANN, A. C. **A organização do espaço: Traçando caminhos para trabalhar com a autonomia, a afetividade, as brincadeiras e o movimento**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2009n19p138/10483>>.  
Acesso em: 27 de setembro de 2024.

KUHLMANN, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1988.

KOERICH, L.; MOSIMANN, A. C. **A organização do espaço: Traçando caminhos para trabalhar com a autonomia, a afetividade, as brincadeiras e o movimento**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2009n19p138/10483>>. Acesso em: 30 de Setembro de 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEANDRO, C. V.; LEANDRO, M. C. V.; ASSUNÇÃO, S. C. de; RICETO, R. M.; PEIXOTO, A. P.; MARIANO, J.; VALADARES, A do C.; MOURA, M. A da S. **VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: experiência e prática para a formação docente. Software de Gestão Educacional**. 2017.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. Ma. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. p. 174-213, São Paulo: Atlas, 2003.

221

MOREIRA, J. R.; RIBEIRO, J. B. P. **Prática pedagógica baseada em metodologia ativa: aprendizagem sob a perspectiva do letramento informacional para o ensino na educação profissional. Periódico Científico Outras Palavras**, v. 12, n. 2, p. 93- 110, 2016.

MORENO, G. L. **Organização do Trabalho Pedagógico na Instituição de Educação Infantil**. 2007.

NEHLS, M. **Diversificar e brincar com espaços e tempos na Educação Infantil**. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

POLITY, E. **Dificuldade de Aprendizagem e Família: construindo novas narrativas**. São Paulo: Vetor, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

SANTOS, C. P.; SOARES, S. R. **Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 22, n. 49, p.353-370, maio/ago. 2011.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano I, n. I, jul. 2009. p. 1-14.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**. Autêntica: Belo Horizonte, 1999.

SUZUKI, J. T. F.; RAMPAZZO, S. R. R. **Tecnologias em educação**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. B. **Português: uma proposta para o letramento**. São Paulo: Moderna, 2002.

SOUSA, J. P. de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. Fortaleza: 2012. Disponível em: <[https://apeoc.org.br/extra/artigos\\_cientificos/A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_FAMILIA\\_NO\\_PROCESSO\\_DE\\_DESENVOLVIMENTO\\_DA\\_APRENDIZAGEM\\_DA\\_CRIANCA.pdf](https://apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/A_IMPORTANCIA_DA_FAMILIA_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DA_APRENDIZAGEM_DA_CRIANCA.pdf)>. Acesso em: 27 de setembro de 2024.

SUZUKI, J. T. F.; RAMPAZZO, S. R. R. **Tecnologias em educação**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

TEIXEIRA, E. **Práticas educativas em grupo com uma tecnologia sócio-educativa: vivências na Ilha de Caratateua, Belém**. Esc Anna Nery. 2007;11(1):155-9.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Gente, 1998.

TIBA, I. **Disciplina, Limite na medida certa**. 41<sup>a</sup> ed. São Paulo: Gente, 1996.

TOMAZ, J. J. **A reorganização do espaço para a interação e brincadeiras na sala de Educação Infantil**. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

VASCONCELOS, C. S. **Relação escola-família: da acusação à interação educativa**. Revista de Educação AEC, Brasília, v. 23, n. 93, p.75-86, out./dez.1994.